

"eu vi a mulher preparando outra pessoa
o tempo parou para eu olhar para aquela barriga
a vida é amiga da arte
é a parte que o sol me ensinou
o sol que atravessa essa estrada que nunca passou

por isso uma força me leva a cantar
por isso essa FORÇA ESTRANHA" (1).

No 1º verso Caetano Veloso vê a mulher preparando, cuidando com carinho da vida de outra pessoa. No verso em seguida funde arte e vida. Vida e arte estão sendo preparadas. A vida produzindo a arte e a arte lançando o homem além de seu tempo de vida. A "força estranha" impede que uma e outra estacionem.

As primeiras manifestações da ação criadora do homem na arte são claramente relacionadas com a vida. As primeiras representações marcantes da figura humana até hoje conhecidas são esculturas. Pequenas figuras femininas, as "Vênus" de Willendorf, pedra calcárea, 10,5 cm e de Lespugue, marfim, 14,7 cm são mulheres redondas, seios fartos, grávidas ou atraindo e oferecendo a fertilidade em seus corpos idealizados para a criação. Figuras sem rosto, sem individualidade, mas que marcaram por muitos séculos os sinais plásticos da escultura: a monumentalidade, o volume, a forma fechada. Contidas, sem aberturas, pesadas, sem movimentos, guardando em seu espaço interior a potência da transformação até chegar ao amplo campo aberto das possibilidades da escultura contemporânea. Nas barrigas das "Vênus" estão as sementes da vida e da arte.

Na escultura a figura representada é a mulher. No desenho/pintura o artista da pré-história elege o animal, sua fonte de sobrevivência, que lhe fornece o alimento e o vestuário. O animal tem a força e a velocidade que o homem não possui. E, aceitando-se a teoria do desenho/pintura da pré-história como ato de magia ou a versão que os classifica como símbolos femininos e masculinos - o objetivo final é o mesmo - o homem inventa o artifício da linha para capturar o bicho com toda a sua vitalidade nas paredes das cavernas. A linha é leve, sintética, dinâmica, instrumento da inteligência para vencer a força ainda não domada do animal ou entender o mistério da multiplicação das espécies. Gravado nas cavernas em direções certas, sem vacilações, verdadeiro na apreensão do modelo interessado, o desenho se torna instrumento de sobrevivência dando seqüência à escultura como matriz da vida.

A escultura nasce do movimento interno. Vem da forma, possivelmente do instrumento utilitário, caracterizando o homem como construtor de símbolos. A mão trabalha a massa dos materiais pesados: madeira (entalhe), barro (modelagem), pedra (cinzelado), metal (fundição), dando corpo a uma substância, erguendo-a no espaço. Desses materiais vêm o peso, volume, densidade, que dificultam o movimento. Com o domínio da técnica, o escultor começa a ensaiar pequenos movimentos passando para o exterior o movimento latente do interior. Através dos séculos, a escultura foi adquirindo a ação plena do corpo humano e inicia seu processo de perda de peso e quer voar. Mas ainda está presa pela base, pelo pedestal. Guarda a solenidade do monumento cultuando uma religião ou um governante. Os movimentos ainda partem do interior da figura, pertencem a ela, estão no espaço, mas não desenham, não ativam o espaço, o ignoram. No início do século XX, o cubismo e o futurismo ampliam o campo da escultura liberando-a de seus atributos tradicionais, indicando um caminho rico de possibilidades. O futurismo pretende não "a forma pura, mas o ritmo plástico puro, não a construção dos corpos (...), mas a construção da ação dos corpos (...)" (2). O cubismo traz a pintura para o plano, acelerando o caminho para a arte abstrata. Sua contribuição na escultura desmonta o bloco fechado, passando a construí-lo também através de planos - que se interpenetram - evidenciando a estrutura da forma. Nesse processo o espaço - até então inativo - passa a ser dimensionado, tensionado, vitalizado. A forma fechada se desdobra em planos, vazando o volume e dando forma ao espaço, desenhando o espaço, alternando cheios e vazios, matéria e espírito. Esse processo de descarnação acentua-se pela exclusão do pedestal e a escultura pode então aparecer contornada por um fio de aço, de arame, qualquer linha que tenha deixado de ser virtual para se tornar concreta, desenhando, fazendo de uma forma pesada o volume leve repleto de ar. Ela chega enfim à independência em termos formais e expressivos. Projeta-se na verticalidade mais ousada, esparrama-se pelo chão, escorre das paredes nos mais diversos tipos de materiais, dos mais brutos aos mais sofisticados, pobres, naturais, artificiais, frios, quentes, moles, das mais sofisticadas tecnologias aos rudimentos do artesanato. Troca o peso pelo desenho aéreo de um móvel soprado pelo vento.

Desenho. Presente do indicativo do verbo desenhar. Pessoal e transferível. Em princípio, pelo próprio som da palavra, o desenho é leve, sintético, rápido. Ele não pertence à categoria das artes plásticas. O desenho tem "mil e uma utilidades". É um instrumento tão essencial hoje como o foi para o homem da pré-história. Os materiais que permitem sua prática são os mais prosaicos possíveis: pa-

pel, lápis, carvão, um muro, uma calçada, o guardanapo do bar e muito mais... "vamos supor que Rembrandt se encontrasse na rua sem papel, sem pincel ou tintas e tivesse subitamente vontade de desenhar. Com nada mais que uma parede branca, um pedaço sujo de telha e seus dedos ele era capaz de fazer um desenho que se transformava em ouro puro" (3). O desenho é registro mais imediato de idéias, sonhos, lembranças, sombras, luzes, terror, poesia, o fundo do quintal ou o buraco negro das galáxias. Está na ponta dos dedos do artista plástico, do cineasta, do escritor, do cenógrafo, do louco, da criança, do burocrata que rabisca compulsivamente durante uma reunião. Fora do circuito da arte ou do descompromisso do passatempo, ele é o instrumento da preparação de um projeto, do mais simples ao mais complexo, inventa uma cadeira, levanta uma cidade e leva o homem ao espaço. Nas artes plásticas é auxílio, ponte para a escultura, pintura, gravura. Vai desde a primeira anotação fugidia até a representação exata do produto final, documenta o sonho do artista se o projeto não for construído. Assegura que a arte está enraizada na vida através do desenho de um muro vivo para um cemitério.

Mas o desenho - além de ser um instrumento - é em si mesmo uma manifestação autônoma, tem suas propriedades e - assim como a escultura - foi adquirindo outras. Aos pontos, traços, linhas, manchas, preto e branco foram acrescentadas cor, colagens, cortes, recortes, outros materiais, fazendo-o caminhar para os limites da pintura ou até mesmo da escultura, do leve para o pesado. Da leve linha que toca o papel sem ferir à lâmina que abre sulcos e levanta a pele do papel, da mão carinhosa que pressiona com algodão o pó de lápis de cor para inventar uma nuvem ao peso da mão que esfrega o grafite para conseguir um negro denso, profundo, o desenho se faz construído, expressionista, crítico, indignado, bem humorado, lírico, sensual, distante, próximo, bonito, feio, vem de todos os mundos e movimentos da condição humana.

Nelson Augusto
setembro/1988

- (1) Força estranha
letra e música de Caetano Veloso
- (2) Umberto Boccioni
in Tendências da Escultura Moderna - Walter Zanine/Ed. Cultrix
- (3) Jacques Lipchitz
in Diálogo com a Arte Moderna - Katherine Kuh/Ed. Lidador